



ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA ESCOLA: LER, APRENDER E CONSTRUIR

LITERACY AND LITERACY SKILLS AT SCHOOL: READING, LEARNING AND BUILDING

DOI: 10.5281/zenodo.10547124

Antonio Renaldo Gomes Pereira¹

Ana Raquel Teixeira da Silva²

RESUMO

O presente artigo propõe uma análise crítica sobre as práticas de letramento e alfabetização, com o intuito de subsidiar educadores, gestores escolares e formuladores de políticas educacionais na revisão e aprimoramento de estratégias pedagógicas. O objetivo é otimizar o processo de letramento e alfabetização, proporcionando uma formação eficiente e significativa. Partindo do pressuposto de que o letramento e a alfabetização são fundamentais para o pleno desenvolvimento do indivíduo na sociedade atual, este trabalho busca refletir sobre práticas pedagógicas alinhadas com as demandas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Destacamos a necessidade de práticas pedagógicas inovadoras, adaptadas às novas tecnologias e ao contexto social, que proporcionem uma alfabetização e letramento significativos, capacitando os estudantes a ler, compreender e construir conhecimento de maneira eficaz.

Palavras-chave: BNCC. Aprendizagem. Leitura. Escrita.

ABSTRACT

This article proposes a critical analysis of literacy skills and literacy practices, with the aim of supporting educators, school managers and educational policy makers in reviewing and improving pedagogical strategies. The objective is to optimize the literacy and literacy skills process, providing

1 Doutorando em Antropologia. Mestre em Antropologia. Especialista em Arqueologia e Patrimônio. Especialista em Ensino Religioso. Licenciado em História. Licenciado em Pedagogia. Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais. Professor da Educação Básica. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7628264779459752> E-mail: renaldogomes@live.com

2 Especialista em Alfabetização e Letramento. Licenciada em Pedagogia. Professora da Educação Básica. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5961397694939370> E-mail: anaraquelufc08@gmail.com



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

efficient and meaningful training. Based on the assumption that literacy skills and literacy are fundamental for the full development of the individual in today's society, this work seeks to reflect on pedagogical practices aligned with the demands of the Base Nacional Comum Curricular (BNCC). We highlight the need for innovative pedagogical practices, adapted to new technologies and the social context, that provide significant literacy and literacy skills, enabling students to read, understand and construct knowledge effectively.

Keywords: BNCC. Learning. Reading. Writing.

INTRODUÇÃO

O letramento e a alfabetização desempenham papéis cruciais no desenvolvimento humano e na construção de uma sociedade informada e participativa. Enquanto a alfabetização está, tradicionalmente, associada ao domínio das habilidades básicas de leitura e escrita, o letramento envolve a capacidade de compreender, interpretar e produzir textos em diferentes contextos. São processos fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social dos indivíduos, a alfabetização e letramento em âmbito escolar, eixo do qual partirá nosso estudo, torna-se crucial para que os alunos possam se inserir de forma crítica e participativa na sociedade.

Dentre os autores que abordam a alfabetização e o letramento na escola com ênfase na leitura, aprendizagem e construção, apresentamos como basilares para esta discussão, os seguintes: Emilia Ferreiro (1986); Magda Soares (2020); Ana Teberosky e Teresa Colomer (2003); e Ângela Kleiman (1993). Eles abordam a importância de práticas pedagógicas que promovem a construção de significados por meio da leitura, dentre outros autores estudiosos e especialistas da área.

O letramento e a alfabetização são temas de muita relevância na educação, pois são essenciais no desenvolvimento da capacidade de leitura e escrita dos alunos, contribuindo para que os mesmos possam compreender, interpretar, produzir diferentes tipos de textos. Além disso, o letramento e a alfabetização estão intrinsecamente ligados ao processo de construção do conhecimento, uma vez que a capacidade de ler e escrever é fundamental para a aprendizagem em todas as áreas de conhecimento. Diante disso, é importante saber como ocorre esse processo de letramento e alfabetização na escola, considerando a prática de leitura,



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

as práticas pedagógicas e utilizando-se da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), considerando ainda os desafios pertinentes enfrentados pelos educadores e a contribuição do ambiente escolar para o desenvolvimento dessa habilidade.

Um problema desafiador que surge neste domínio é como as práticas de letramento e alfabetização, alinhadas com as diretrizes da BNCC, podem enfrentar os desafios contemporâneos e promover um desenvolvimento educacional integral. Considerando a diversidade de contextos socioculturais e as demandas de uma sociedade em constante evolução, é crucial explorar como as estratégias pedagógicas podem ser adaptadas para atender às exigências das diretrizes, integrando efetivamente a alfabetização e o letramento.

Um dos principais objetivos deste trabalho é fomentar reflexões sobre práticas pedagógicas que possam orientar educadores, gestores escolares e formuladores de políticas educacionais na revisão e aprimoramento de práticas pedagógicas, visando a otimização do processo de letramento e alfabetização de acordo com as exigências da BNCC (BRASIL, 2018) e as demandas da sociedade atual, promovendo uma alfabetização e letramento de forma eficiente e significativa, proporcionando aos alunos as habilidades necessárias para ler, compreender e construir conhecimento.

Utilizando-se da metodologia bibliográfica, o presente trabalho trará reflexões teóricas sobre o papel do letramento e da alfabetização na formação dos alunos, mostrando a importância de promover um ensino de qualidade nessas áreas e as potenciais contribuições para a construção do conhecimento e o desenvolvimento cognitivo do aluno. Salientamos que pesquisa bibliográfica está inserida no meio acadêmico e tem como finalidade o aprimoramento do conhecimento, traz atualizações acerca de um assunto, considerando as obras de investigações científicas publicadas anteriormente. Para Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é realizada “a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto” (p. 32).



Desta maneira, faz-se necessário a apropriação da leitura e reflexão do material analisado, organizando as obras de estudo que colaborem com o objeto de estudo. A pesquisa bibliográfica, é o levantamento de dados, informações ou revisão de obras já publicadas sobre a teoria do que irá ser estudado e que direciona o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados que serviram de apoio teórico para o assunto que se deseja abordar em determinado trabalho.

De acordo com Severino (2007), a pesquisa bibliográfica realiza-se através do uso de “registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados” (SEVERINO, 2007, p. 122), servindo de base para a fundamentação e análises do trabalho.

Para fins de organização e melhor compreensão do texto, ele encontra-se dividido em três seções antecedidas por uma introdução e, ao fim, as considerações finais. Na introdução, definimos o tema abordado elencando alguns profissionais que se debruçaram sobre os estudos da temática em questão; na primeira apresenta as definições dos termos letramento e alfabetização tratando de como eles se relacionam no processo de ensino e aprendizagem; na segunda seção, abordamos as interconexões entre letramento e alfabetização no cumprimento de um processo de ensino significativo; na última seção, elencamos alguns desafios enfrentados nos processos de letramento e alfabetização, indicando algumas formas de abordagens que podem auxiliar no fazer pedagógico; ao fim, as considerações finais.

1 DEFINIÇÕES E DISTINÇÕES DOS TERMOS

Nos últimos anos, tem-se buscado atribuir muitos significados e de muita abrangência para a alfabetização, quando a consideramos um processo permanente, que permeia por toda a vida, que não se limita a aprendizagem da leitura e da escrita.

É, por certo, que o processo de aprendizagem da língua materna, seja ela escrita ou oral, é permanente. Todavia, é necessário, como explana Magda Soares em seu livro



Alfabetização e Letramento, diferenciar o processo de aquisição da língua (oral e escrita) do processo de desenvolvimento da língua (oral e escrita), este, por sua vez, nunca se interrompe. Considerando que tal estudo foi produzido no ano de 1985, hoje fica mais claro a distinção entre alfabetização e letramento.

É intrigante o fato de que ocorreu em um momento histórico, considerando sociedades geograficamente distantes e com questões socioeconômicas e culturais distintas, como Brasil, França, Inglaterra e Estados Unidos, uma demanda de nomear as práticas de leitura e escrita que eram mais avançadas e de complexidade se comparadas com as práticas de ler e escrever que eram os resultados da aprendizagem do sistema de escrita.

A alfabetização é a base essencial para o letramento, abrangendo as habilidades básicas de leitura e escrita. Conforme estabelecido pela BNCC (BRASIL, 2018), o processo de alfabetização deve propiciar ao estudante o desenvolvimento da capacidade de compreender, interpretar e produzir textos. Isso inclui o domínio das relações entre sons e letras, a decodificação de palavras e a compreensão de diferentes tipos de textos, contribuindo para a formação do leitor competente desde os anos iniciais da Educação Básica.

A BNCC (BRASIL, 2018) destaca a necessidade de uma alfabetização pautada na compreensão do sistema alfabético, associada a práticas pedagógicas que considerem as especificidades linguísticas e culturais dos alunos. Além disso, ressalta a importância de estratégias que envolvam o contato frequente com a leitura e a escrita, promovendo uma progressão gradual e contínua das habilidades de alfabetização.

Soares e Batista (2005) ressaltam que o termo alfabetização se refere ao ensino e aprendizagem de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabética-ortográfica. E o total controle dessa tecnologia requer um conjunto de conhecimentos e procedimentos que dizem respeito ao funcionamento de um sistema, bem como sua representação no que tange às capacidades cognitivas e motoras para o domínio dos equipamentos e instrumentos de escrita.

No que tange aos conhecimentos e procedimento, Soares e Batista registram que “a escrita alfabética ortográfica é um sistema de representação; ele se distingue de outros



sistemas de representação, como o desenho; ele representa certas propriedades do signo linguístico; sua utilização envolve uma automatização das relações entre o escrito e aquilo que representa” (2005, p. 24). Enquanto as capacidades motoras e cognitivas podem ser entendidas como “habilidades de ler e escrever seguindo a direção correta da escrita na página, habilidades de uso de instrumentos de escrita (lápiz, caneta, borracha, corretivo, régua...), aprendizagem de uma postura corporal adequada na leitura e na escrita, aprendizagem da caligrafia” (SOARES; BATISTA, 2005, p. 24).

Nesta perspectiva, a alfabetização, de certo, vai muito além do domínio das habilidades de leitura e escrita, ela se estende por toda a vida, considerando as práticas do letramento, é uma fonte inesgotável com inúmeras possibilidades.

Conforme Soares (2020), em conclusão acerca do conceito de alfabetização, define-se que a ideia “não é uma habilidade, é um conjunto de habilidades, o que a caracteriza como um fenômeno de natureza complexa, multifacetada. Essa complexidade e multiplicidade de facetas explica por que o processo de alfabetização tem sido estudado por diferentes profissionais” (p. 20).

As facetas da alfabetização seriam fundamentalmente as perspectivas no campo psicológico, psicolinguístico, sociolinguístico e linguístico, pois para que se compreenda o conceito de alfabetização os fatores sociais, econômicos, culturais e políticos devem ser considerados, bem como a intersectorialidade entre as tais áreas, sendo que somente a compreensão articulada de cada uma dessas ciências citada pode colaborar para uma teoria coerente da alfabetização.

O letramento, segundo a BNCC (BRASIL, 2018), vai além da decodificação de letras e palavras, envolvendo a compreensão crítica e reflexiva da linguagem escrita em diferentes contextos. O letramento, portanto, não se restringe ao simples ato de saber ler e escrever, mas inclui a capacidade de interpretar e produzir textos de maneira contextualizada, considerando as variadas formas de comunicação presentes na sociedade.

No âmbito do letramento, a BNCC (BRASIL, 2018) destaca a importância de abordagens que contemplem a diversidade de práticas sociais e culturais relacionadas à



linguagem escrita. Isso inclui o letramento digital, o letramento literário, o letramento científico e outros, reconhecendo que a habilidade de se comunicar efetivamente por meio da escrita é fundamental para a participação plena na sociedade contemporânea.

A palavra letramento é um conceito recente, foi introduzido na linguagem educacional e da ciência linguística há duas décadas, aproximadamente. O letramento surge como resultado da necessidade de nomear e categorizar comportamentos e práticas sociais de leitura e de escrita que perpassam o âmbito do sistema alfabético, o processo de alfabetização em suas nuances.

Soares (2020) discorre que tais práticas e comportamentos sociais da leitura e da escrita obteve a visibilidade e importância, na medida que a vida social e as atividades profissionais foram se tornando mais dependentes e centradas na língua escrita, mostrando assim que era insuficiente o ato de apenas alfabetizar, isto no sentido apenas tradicional, tanto a criança como o adulto.

O conceito de letramento surgiu com a ampliação do conceito de alfabetização, o que leva alguns leitores a confundi-los. A palavra letramento surge em *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, livro publicado por Mary Kato, em 1986, esta é, provavelmente, a primeira vez que ela aparece na língua portuguesa, relata Magda Soares. Depois desta referência, a palavra aparece novamente em 1988, levando o conceito a um nível maior, uma vez que o mundo da educação o “conhece” através do livro *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*, publicado por Leda Verdiani Tfouni em 1995.

Até meados dos anos 1990, a palavra letramento não era registrada nos dicionários brasileiros, devido à complexidade e aos variados estudos. Para Kleiman (2001. p. 17), o termo se evidenciou no meio educacional por que foi percebido a insuficiência do conceito de alfabetização, embora o conceito de letramento não estivesse nos dicionários, ele já estava presente, ainda que de forma oculta, nas escolas, nas propostas pedagógicas e nas formas de ensino, por exemplo.

No livro *Letramento: um tema de três gêneros*, Soares (2020) pontua que o termo letramento surgiu porque apareceu um fato novo e desta forma era necessário um nome novo,



um fenômeno que antes não existia, ou caso existisse, não era dado conta, e como não era dado conta, não se tinha como dar nome a ele. A palavra letramento é uma tradução, ou seja, originou-se a partir de uma versão feita da palavra da Língua Inglesa “literacy”, que traduzida seria “a condição de ser letrado”, proporcionado à palavra letrado” sentido diferente daquele que vem tendo no português até então, informa Soares (2020, p. 35).

A BNCC (BRASIL, 2018) propõe a integração orgânica entre alfabetização e letramento, reconhecendo que esses processos são interdependentes e complementares. A alfabetização proporciona as bases necessárias, enquanto o letramento amplia e aprofunda as habilidades desenvolvidas, permitindo ao estudante uma participação mais efetiva em práticas sociais diversas.

Nesse contexto, é fundamental que as práticas pedagógicas promovam uma transição fluida entre a aquisição das habilidades iniciais de leitura e escrita, no processo de alfabetização, e o desenvolvimento de competências mais avançadas relacionadas ao letramento. A BNCC (BRASIL, 2018) enfatiza a importância de estratégias pedagógicas que articulem de forma significativa esses dois processos, proporcionando aos alunos uma formação integral e contextualizada no uso da linguagem escrita.

Ao compreender as definições e distinções entre alfabetização e letramento, os educadores podem criar ambientes de aprendizagem que atendam às demandas da BNCC, promovendo o desenvolvimento pleno das habilidades linguísticas dos estudantes desde os anos iniciais até o final da educação básica.

Para Kleiman (2005), o letramento não pode ser confundido com uma forma de ensino, pois o letramento jamais beneficiará o educando para agir em uma situação específica, ele não alfabetização, embora seja incluso no conceito em questão.

2 INTERCONEXÕES ENTRE LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO

O entendimento das interconexões entre letramento e alfabetização é fundamental para uma compreensão abrangente do desenvolvimento educacional e social dos indivíduos. Esses



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

processos estão intrinsecamente ligados, influenciando-se mutuamente de maneiras que transcendem as fronteiras tradicionais dos processos de ensino.

Os anos de 1980 é a referência, enquanto momento histórico, da “invenção” da palavra letramento no Brasil, *illettrisme*, na França, *literacia*, em Portugal, que se diferencia do conceito de alfabetização. Embora o termo *literacy* já fizesse parte dos dicionários americano e inglês, desde o final do século XIX, foi também nos anos 80, tornou-se o foco central das áreas de linguagem e educação, embora haja coincidências quanto ao momento histórico com relevância às práticas sociais de leitura, de escrita em sociedades distintas, o contexto e as causas acabam por ser diferentes, pois o Brasil era um país que caminhava para o desenvolvimento e os demais eram considerados desenvolvidos.

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita -a alfabetização- e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita - o letramento (SOARES, 2020, p. 45).

Sobre o elo entre alfabetização e letramento, Soares (2020) ressalta que os processos não são independentes, pois “a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento”, enquanto o processo de letramento “só se pode desenvolver no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização” (p. 45). Desta forma, a alfabetização e o letramento são indissociáveis e, de certa forma, independentes, indica a autora.

O desenvolvimento cognitivo está intrinsecamente ligado à alfabetização. A capacidade de ler e escrever está intimamente ligada ao desenvolvimento cognitivo e vice-versa. À medida que a criança desenvolve sua habilidade cognitiva, como a atenção, memória, pensamento crítico e resolução de problemas, ela se torna mais capaz de compreender e utilizar a linguagem escrita.



A alfabetização, ao proporcionar a aquisição das habilidades básicas de leitura e escrita, desencadeia um processo essencial para o desenvolvimento cognitivo. A capacidade de decodificar palavras, interpretar textos e articular pensamentos por meio da escrita não apenas aprimora as habilidades linguísticas, mas também estimula o pensamento crítico e analítico.

A alfabetização é um componente essencial do desenvolvimento cognitivo da criança, uma vez que o domínio da leitura e da escrita é fundamental para o sucesso acadêmico e para a participação efetiva da sociedade, desta maneira é fundamental a promoção de um ambiente rico em alfabetização e linguagem e que seja estimulante para a criança desde cedo, a fim de apoiar seu desenvolvimento cognitivo.

O letramento, nesse contexto, amplifica as dimensões cognitivas, envolvendo a compreensão mais profunda dos contextos sociais, culturais e históricos associados à leitura e à escrita. A habilidade de analisar textos de maneira crítica, compreendendo não apenas as palavras, mas também os significados subjacentes, contribui para a formação de indivíduos capazes de interpretar o mundo ao seu redor de maneira mais sofisticada.

Ambos os processos, quando interligados, promovem a capacidade de síntese, permitindo aos indivíduos integrar informações de diversas fontes e construir conhecimento significativo. Desse modo, a alfabetização e o letramento atuam como catalisadores para um desenvolvimento cognitivo mais profundo e abrangente. Além do desenvolvimento cognitivo, as interconexões entre letramento e alfabetização desempenham um papel importante na formação social dos indivíduos. A alfabetização não é apenas a chave para a participação plena na sociedade, mas também funciona como um instrumento de inclusão social.

O letramento, ao transcender as fronteiras da mera decodificação de palavras, capacita os indivíduos a compreenderem as nuances das interações sociais presentes nos textos. A capacidade de interpretar mensagens implícitas, entender diferentes perspectivas e se expressar de maneira articulada contribui para a construção de cidadãos capazes de participar ativamente em suas comunidades. Assim, a alfabetização e o letramento, quando combinados, formam a base para o desenvolvimento de uma consciência crítica e socialmente responsável.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Através desses processos, os indivíduos podem não apenas se integrar efetivamente à sociedade, mas também se tornar agentes de mudança, promovendo a justiça, a equidade e a compreensão mútua.

Ressaltamos que um dos aspectos que se destaca na alfabetização é a capacidade de aprendizagem da leitura, e através dela conseguimos o total domínio da palavra, possibilitando a compreensão dos que as palavras dizem, seus significados, entendendo o mundo que nos cerca e transformando-o, e quando essa transformação ocorre, temos acesso ao novo, e reacendemos para uma nova consciência, começando assim a construir uma formação social melhor.

Não é um ato solitário, mas parte das interações sociais, o leitor é sempre parte de grupo maior, de pessoas que também leram a mesma obra que ele, o mesmo texto e com construções e interpretações distintas, carregando elementos da sua leitura, sua bagagem de conhecimento. Ao passo que somos alfabetizados e letrados, os textos passam a nos dar a oportunidade de nos apropriar, para criar novas histórias a partir deles, exercer a individualidade, o senso crítico e a cultura política e social. Para Martins (2003), o ato de ler não é um ato qualquer, é uma conquista de autonomia, que permite o indivíduo a ampliar seus horizontes, o leitor compreende melhor o universo que o cerca, rompe as barreiras, deixando o ser passivo de lado e se abrindo a novas realidades.

Desde a Antiguidade grega-romana, o ato de saber lê era exclusivo daqueles que detinham o poder de serem homens livres, ou seja, para poucos. A aprendizagem ocorria de forma rígida e com base na codificação de símbolos, primeiro decorava o alfabeto, depois soletrava e, por fim, decorava as palavras isoladas. Atualmente, vemos que as coisas não são tão diferentes, ocorre que muitos educadores ainda se limitam à utilização dos métodos antigos, onde se prevalece o “tem que aprender”, sem ao menos saber “o porquê disso” ou “para que servirá isso”, desta forma, o aluno é impossibilitado de letrar-se.

Para minimizar os impactos negativos desse modelo de ensino tradicional, muitos educadores têm buscado o apoio de novos métodos de ensino e de estímulo à leitura, logo a leitura seria um agente transformador do indivíduo. Mas apesar de todo o empenho do



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

professor em desenvolver no educando o gosto pelo hábito da leitura, através da “prática da leitura”, pode-se notar que a escola passa pela “crise da leitura”, e esta crise se forma pelo fato do aluno não ler livros no seu dia-a-dia (MARTINS, 2003).

Para Lajolo e Zilberman (1982),

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO; ZILBERMAN, 1982, p. 59).

Em resgate ao que foi pontuado, para que se possa resgatar os problemas oriundos da falta de leitores e da consciência da prática e da sua importância, criou-se essa constituição da necessidade do “hábito de leitura”, sendo que em suma a grande parte da população em questão de leitura existe uma grande defasagem e aqui entra um outro ponto importante a ser destacado que a impossibilidade dos menos favorecidos em ter os privilégios de acessos a bons materiais e recursos do que comparado as classes de poder aquisitivo mais elevado. Mas o cerne da questão é, principalmente, a valorização do ato da leitura como algo além de necessário, como algo prazeroso.

As crianças aprendem a esperar mais tempo até ter sua vez de interagir, reconhecem a linguagem narrativa e podem até reproduzir a história que escutaram, fazem predições sobre a continuação da história, aprendem a prestar atenção, adquirem conceitos sobre o que está impresso, e imitam o modelo de leitor do adulto. Todas essas atividades vão preparando, de alguma maneira, para tudo o que será a linguagem e para as tarefas de ensino escolar posteriores (TEBEROSKY; COLOMER, 2023, p. 24).

A fim de proporcionar aos alunos a sua participação ativa em sala de aula, o professor poderá através da leitura, buscar assuntos que estão em rodas de conversas, das crianças, trazendo para a sala de aula conteúdo que retratam seus gostos, ocasionando situações abertas e flexíveis, através de rodas de conversa, selecionando com cuidados os temas abordados, os



textos estudados e utilizando de ludicidade para criar o ambiente mais favorável possível, o diálogo aqui se faz necessário, para o crescimento mútuo da relação professor-aluno.

O educador poderá está trabalhando em sala de aula na possibilidade de colocar situações diversas de aprendizagem onde pode ser trabalhado a alfabetização contextualizando as disciplinas à luz da BNCC, de forma a interdisciplinarizar o conteúdo, mostrando aos alunos as possibilidades diversas de aprender um mesmo conteúdo. Uma outra maneira de se trabalhar a intersetorialidade é incentivar a realização de atividades que promovam a reflexão do que além do que foi aprendido, questionar aos alunos em quais outras disciplinas ou contextos da rotina, aquela aprendizagem pode ser aplicada.

A leitura é um processo interativo, e proporcionar o contato com diferentes gêneros textuais, ampliará o repertório literário do aluno, além de viabilizar o aluno a estímulos de produção de leitura, expressão oral, e o favorecimento da construção do conhecimento linguístico, quanto mais lemos, mais escrevemos, e assim aprendemos.

3 DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS À LUZ DA BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) é um referencial que busca orientar os currículos escolares no Brasil, estabelecendo competências e habilidades essenciais que os alunos devem desenvolver ao longo de sua trajetória educacional. No contexto do letramento e da alfabetização, é essencial considerar os desafios contemporâneos à luz dos princípios e diretrizes deste referencial.

A língua é um conjunto de movimentos de elementos (sons e gestos) responsáveis pela comunicação, e quando falamos sobre língua, é inevitável associarmos com a sua compreensão. A leitura é uma compreensão de sentidos, dentre os modelos de leitura existentes existe o *top-down* modelo descendente, que requer o conhecimento prévio do aluno, para que se possa compreender o significado dos textos, defende Goodman (1988).

Há outro modelo de leitura, conhecido por *botton-up*, um modelo ascendente, defendido por Gough (1972), que relaciona não somente ao desenvolvimento da compreensão auditiva; ele percorre da letra, som, palavra, sentença, de forma linear e contínua até o



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

significado. É de consenso nos estudos, que o leitor passa a utilizar-se desses dois modelos, e a ele atribuímos o nome de processamento interativo, defendido por Rumelhart (1977), uma posição intermediária e flexível. Para Goodman,

A leitura é um processo receptivo da linguagem. É um processo psicolinguístico no qual começa com uma representação da superfície linguística codificada por um escritor e termina com o significado que o leitor constrói. Há, dessa maneira, uma interação essencial entre linguagem e pensamento na leitura. O escritor codifica pensamento em linguagem e o leitor codifica linguagem em pensamento (GOODMAN, 1988, p. 12).

Para Carvalho (2007), a aprendizagem da leitura é mais eficiente quando elas trazem o conhecimento a respeito das características, tipos de estruturas de texto cuja leitura elas irão iniciar. Nem sempre trazer uma “enxurrada” de textos é uma forma eficiente e clara aos alunos iniciantes; é necessária uma intencionalidade a partir de convenções claras. Aqui, podemos enfatizar a oportunidade de leitura precoce nas crianças através das leituras de imagens e experiências prazerosas que poderão trazer resultados por toda a vida da criança.

A autora salienta que “aprender a ler como se a leitura fosse um ato mecânico, separado da compreensão, é um desastre que acontece todos os dias. Estudar palavras soltas, sílabas isoladas, ler textos idiotas e repetir sem fim exercícios de cópia, resulta em desinteresse e rejeição em relação à escrita” (CARVALHO, 2007. p. 11).

Quando as crianças chegam na escola, elas já trazem consigo as bagagens de suas vivências e experiências, pois em algum momento de suas vidas elas tiveram a oportunidades de visualizarem, placas, vídeos com letras diversas, embalagens, compreendendo que aquelas letras possuem algum significado ainda que não saibam o que seja. Consideramos ainda que dependendo da classe social as experiências do indivíduo podem variar.

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem (SOLÉ, 2014).



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

Os resultados de Lerner (2002) nos apresentam uma importante observação, que seria o abismo que separa a prática escolar da prática social da leitura e da escrita. Segundo a autora, a língua escrita, criada para representar e comunicar significados, surge na escola em formas, muitas vezes, fragmentadas em pedaços que em suma não são significativos; a leitura em voz alta ecoa pelas salas de aula, ocupando um lugar muito maior no ambiente escolar do que a leitura silenciosa, sendo que em outras situações sociais é o contrário que ocorre.

Na sala de aula, espera-se que as crianças produzam textos num tempo muito breve e escrevam diretamente a versão final, enquanto que fora dela produzir um texto é um longo processo que requer muitos rascunhos e reiteradas revisões [...] escrever é uma tarefa difícil para os adultos- mesmo para aqueles que o fazem habitualmente-; no entanto, espera-se que as crianças escrevam de forma rápida e fluente (LERNER, 2002. p. 33).

A leitura é uma atividade que deve ser orientada com propósitos, como expõe Lerner (2002), a leitura orientada deve ser uma busca de informações necessárias para resolver um problema prático a se “internar” em um mundo criado por um escritor, que costuma ficar em segundo plano no âmbito escolar, onde se lê somente para aprender a ler e se escreve somente para aprender a escrever.

Segundo a BNCC (BRASIL, 2018),

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. O tratamento das práticas leitoras compreende dimensões inter-relacionadas às práticas de uso e reflexão.[...] O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação (p. 70).

A BNCC apresenta estratégias diversas que envolvem o processo de leitura, no seu desenvolvimento e compreensão que estabelecem valores e crenças, consideram os objetivos da leitura, inferem ou deduzem informações implícitas, por exemplo. O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do



leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação (BRASIL, 2018).

Na concepção de Lerner (2002), uma das problemáticas que o leitor enfrenta em sua formação reside na ideia de que:

O desafio de dar sentido à leitura tem, então, uma dimensão institucional e, se essa dimensão é assumida, se a instituição como tal se encarrega da análise do problema, se seus integrantes em conjunto elaboram e levam à prática projetos direcionados a enfrentá-los, começa a se tornar possível encurtar a distância entre os propósitos e a realidade (LERNER, 2002, pp. 97-98).

Essa problemática não se detém em apenas algumas séries específicas, evidenciando-se em muitas escolas, como bem já fora mencionado, reiterando que os projetos escolares tem o poder de colocar nas escolas um clima de leitores, considerando que esses espaços de leitura não se limitam aos muros das escolas; ele pode se desenvolver nos lares e comunidades, envolvendo a todos e trazendo novas experiências e até mesmo expectativas de mudança nas perspectivas dos sujeitos que participam.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) trouxe uma série de desafios contemporâneos para a alfabetização, que retratam as preocupações e demandas da sociedade atual. Apesar do enfoque deste trabalho ser a leitura, é importante observarmos como um todo os desafios inerentes e alguns desses desafios incluídos.

Reforçando os pensamentos já discorridos, a BNCC (BRASIL, 2018) objetiva a promoção da leitura e da escrita, enfatizando a importância de desenvolver a capacidade dos alunos de ler e escrever criticamente, compreendendo e analisando textos de diferentes gêneros e contextos.

De acordo com Infante (2000, p. 57), a leitura é “um meio pelo qual dispomos para adquirir informações e assim desenvolver reflexões críticas sobre a realidade”, sendo assim necessária uma leitura contínua bem como um senso de responsabilidade, não sendo apenas meros decodificadores.



Nesse contexto, a inclusão da diversidade é outro desafio. A BNCC destaca a importância de garantir que a alfabetização seja acessível a todos os alunos, independente de suas especialidades, origens étnicas ou sociais, reconhece a diversidade linguística e cultural presente na sociedade.

Na Conferência e na Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), passou-se a incluir grupos sociais na pauta internacional, grupos sociais esses que apresentavam desvantagens. Essa declaração trouxe uma nova concepção de escola, ao afirmar que

Princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos[...] o desenvolvimento de escolas inclusivas que ofereçam serviços a uma grande variedade de alunos em ambas as áreas rurais e urbanas requer a articulação de uma política clara e forte de inclusão junto com provisão financeira adequada - um esforço eficaz de informação pública para combater o preconceito e criar atitudes informadas e positivas - um programa extensivo de orientação e treinamento profissional - e a provisão de serviços de apoio necessários (UNESCO, 1994, pp. 5-8).

Uma consequência dessas diretrizes, foi a iniciação nos anos 2000, aqui no Brasil, de um período de políticas públicas sociais e educacionais que privilegiam esses grupos desfavorecidos, levando gradativamente o termo *diversidade* no discurso escolar e oficial.

A BNCC destaca a importância do letramento digital como uma competência fundamental para os estudantes do século XXI. A necessidade de integrar o uso crítico e responsável das tecnologias da informação e comunicação no processo de letramento se apresenta como o grande desafio. Isso envolve o acesso à tecnologia e o desenvolvimento de habilidades para analisar criticamente informações online, discernir fontes confiáveis e utilizar ferramentas digitais de forma eficaz.

Apesar de estar presente nas diretrizes, de estarmos cada vez mais conectados e com a facilidade de acesso a era digital, e as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) serem ferramentas maravilhosas de conhecimento, as escolas ainda não as



incorporaram de maneira efetiva. Sendo que, existem escolas que nem dispõem de laboratórios de informática.

Na sua grande maioria, as salas de aulas ainda têm a mesma estrutura e utilizam os mesmos métodos usados na educação do século XIX: as atividades curriculares ainda são baseadas no lápis e no papel, e o professor ainda ocupa a posição de protagonista principal, detentor e transmissor da informação (VALENTE, 2014, p. 142).

Nesse contexto, faz-se necessário lembrar que fazer uso dessa incorporação de tecnologias digitais na educação não se limita somente como meio ou suporte na promoção ou como “despertador” do interesse do aluno, mas sim como a possibilidade de construção do conhecimento do aluno com e sobre o uso das TDICs.

A BNCC enfatiza também o uso da abordagem interdisciplinar na alfabetização, na integratividade da leitura e escrita em outras áreas do conhecimento, como ciências, história e matemática, por exemplo.

A abordagem interdisciplinar se pauta na ideia de desfragmentação dos diálogos entre os saberes, proporcionando fácil interação entre conteúdos, propiciando ao aluno a contextualização e articulação dos conhecimentos adquiridos. Morin (2002) destaca que um ensino marcado pela prática interdisciplinar forma uma visão de mundo onde o aluno irá “articular, religar, contextualizar e, se possível, globalizar, reunir os conhecimentos adquiridos” (p. 29).

Segundo Santomé (1998) a interdisciplinaridade

[...] implica em uma vontade e compromisso de elaborar um contexto mais geral, no qual cada uma das disciplinas em contato são por sua vez modificadas e passam a depender claramente uma das outras. Aqui se estabelece uma interação entre duas ou mais disciplinas, o que resultará em intercomunicação e enriquecimento recíproco e, conseqüentemente, em uma transformação de suas metodologias de pesquisa, em uma modificação de conceitos, de terminologias fundamentais, etc. Entre as diferentes matérias ocorrem intercâmbios mútuos e recíprocas integrações; existe um equilíbrio de forças nas relações estabelecidas (SANTOMÉ, 1998, p. 63).



Contudo, a utilização da interdisciplinaridade no âmbito escolar ainda encontra dificuldades, pois muitos dos docentes foram formados dentro de uma visão positivista e fragmentada em conhecimentos (KLEIMAN; MORAES, 2002). Conforme os estudos das autoras, o docente “se sente inseguro de dar conta da nova tarefa. Ele não consegue pensar interdisciplinarmente porque toda a sua aprendizagem realizou-se dentro de um currículo compartimentado” (p. 24).

Por fim, mas não menos importante, a formação de professores se apresenta como um grande desafio. Em sua implementação definitiva, a BNCC exige formação continuada e atualizada dos professores, para que assim, possam desenvolver práticas pedagógicas que atendam às demandas e desafios pertinentes à sala de aula, considerando a alfabetização na contemporaneidade.

Entende-se, aqui, que o elemento norteador BNCC- Formação de professores é uma definição de competências que orienta o currículo e a concepção do professor, tendo como elemento a mudança no paradigma afirmando que

No caso brasileiro a construção de referenciais para a formação docente precisa dialogar com as dez competências gerais da BNCC, bem como com as aprendizagens essenciais que a BNCC garante aos estudantes da Educação Básica, 2 em consonância com a Resolução CNE/CP nº 2/2017... Isso implica que as aprendizagens a serem garantidas aos estudantes, em conformidade com a BNCC, requerem um conjunto de competências profissionais dos professores para que possam estar efetivamente preparados para responder a essas demandas (BRASIL, 2019).

Esses desafios representam as exigências atuais da sociedade em relação à alfabetização, requerendo um esforço em conjunto de professores, gestores, familiares e comunidade para a garantia de que toda criança desenvolva suas habilidades plenamente, se tornando não apenas leitores de palavras, mas leitores do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo destaca a relevância contínua do letramento e da alfabetização na educação contemporânea, ao reconhecer as interconexões entre esses processos e abordando desafios



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

atuais e formas de contribuirmos para o avanço de práticas educacionais mais eficazes e inclusivas. A compreensão aprofundada desses conceitos é fundamental para promover uma sociedade informada, crítica e participativa frente aos desafios contemporâneos.

As interconexões entre letramento e alfabetização são intrínsecas ao desenvolvimento cognitivo e social dos indivíduos, moldando não apenas a maneira como eles interagem com a linguagem escrita, mas também como se engajam e contribuem para a sociedade em que estão inseridos. Essa compreensão ampla é essencial para a criação de ambientes educacionais que promovam um aprendizado significativo e a formação de cidadãos capacitados.

Ao adotar estratégias que considerem a diversidade dos alunos e integrem métodos inovadores, os educadores podem criar ambientes de aprendizagem que capacitam os alunos a se tornarem leitores críticos, escritores proficientes e cidadãos ativos em uma sociedade em constante evolução. Nesta perspectiva, as abordagens pedagógicas desempenham um papel fundamental na promoção do letramento e da alfabetização eficazes.

Desta forma, o artigo científico contribui para a produção e divulgação de conhecimento sobre o tema, oferecendo subsídios para estudos e pesquisas na área a fim de aprimorar as práticas educativas, bem como as abordagens pedagógicas, relacionadas ao letramento e a alfabetização na escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer 22/2019, de 07 de novembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2019.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo, SP: Ática, 2007.

FERREIRO, Emilia. Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Editora Cortez, 1986.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

GOUGH, Philip. B.. One second of reading. *In*: KAVANAGH, James. F.; MATTINGLY, Ignatius. G. (Orgs). **Language by ear and by eye**. Cambridge: MIT Press, 1972. p. 353-378.

GOODMAN, Kenneth. Unity in reading. *In*: SINGER Harry; RUDDELL, Robert. B. (Orgs). **Theoretical model and processes of reading**. Newark Delaware: International Reading Association, 1985. p. 813- 840.

INFANTE, Ulisses. **Texto: Leitura e escritas**. São Paulo: Scipione, 2000.

KATO, Mary. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento. Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. São Paulo: Mercado das letras, 2001.

KLEIMAN, Ângela. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** São Paulo: Unicamp, 2005.

KLEIMAN, Ângela. B.; MORAES; Silva. E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1982.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?**. São Paulo, Brasiliense, 2003.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2002.

RUMELHART, David Everett. Toward an interactive model of reading. *In*: DORNIC, Stalislav. **Attention and performance VI**. Hillsdale, N. J.: Erlbaum, 1977. p. 575-603.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2020.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634

SOARES, Magda; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FAE-UFMG, 2005.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Penso, 2014.

TEBEROSKY, Ana. COLOMER, Teresa. **Aprender a Ler e a Escrever** – uma proposta construtivista. Ed. Artmed. Porto Alegre. 2003.

UNESCO. **Declaração de Salamanca**: sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca: UNESCO, 1994.

VALENTE, José Armando. **A Comunicação e a Educação baseada no uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação**. Revista Unifeso. n.1, Campinas, São Paulo, 2014.

Recebido em: 22/10/2023

Aprovado em: 18/12/2023

Publicado em: 21/01/2024